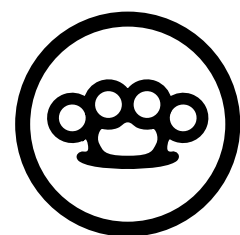


QUEM DISSE? E SE EU QUISER QUE SEJA
O CAPÍTULO 10? O QUE VOCÊ VAI FAZER?
HEIN?! QUER CONFUSÃO? HEIN?!

CAPÍTULO 8 VIOLENCIA



VIOLÊNCIA: EXPLÍCITA OU SILENCIOSAMENTE PRESENTE



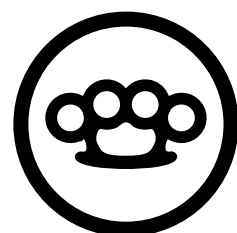
“Na hebiatria, a gente sempre atende antes o adolescente sozinho durante um bom tempo, e só depois os pais entram para continuar a consulta. Quando o adolescente está num ambiente só dele, quando ele se sente seguro para se abrir, muitos adolescentes falam sobre violência, diferentes níveis e formas de violência que vivem em suas vidas.”

HEBIATRA, SÃO PAULO

Um tema recorrente tanto entre adolescentes, quanto entre profissionais que atuam com adolescentes é a questão da violência. Violências de todos os tipos marcam esse universo dentro e fora da escola. Em alguns casos, o próprio lar é um local onde a violência atinge diversos níveis. O entorno também contribui para esse quadro, já que muitos desses adolescentes vivem em locais vulneráveis.

Segundo o autor do livro “Age of Opportunity”, Lawrence Steinberg, o que melhor explica o fato de existirem índices tão altos de criminalidade entre adolescentes é a busca pela recompensa imediata, o que os leva a diversas situações de risco.





DIFERENTES NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO ABREM ESPAÇO PARA O BULLYING E A AGRESSÃO FÍSICA NA ESCOLA

Dentro da escola, o bullying é uma realidade frequente. Diferentes níveis de desenvolvimento marcam a adolescência. Há meninos e meninas que se desenvolvem fisicamente antes de outros, ou possuem mais ou menos facilidade de aprendizado do que os outros, abrindo

espaço para o sentimento de que alguns são “maiores” ou “mais desenvolvidos e inteligentes” do que outros. Sem reflexão ou orientação, essa sensação de poder acaba se desviando em dominação pelo medo, criando relações e dinâmicas de violência.

“Semana passada eu quase quebrei a costela dele.”

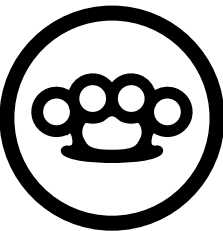
ALUNO DE 16 ANOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL
DE SÃO PAULO

“Eu sofro bullying porque sou muito baixinho, o mais baixinho da classe.”

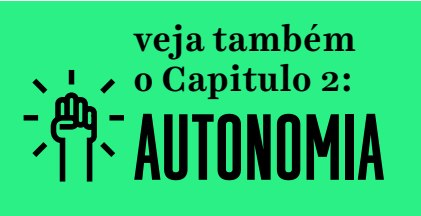
ALUNO DE 12 ANOS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE
PÚBLICA DE SÃO PAULO

“- No intervalo, o que você faz?
- Eu prefiro ficar na sala do que descer por causa dos grandes. Eles ficam correndo e outro dia atropelaram uma menina. Ela quebrou a perna.”

ALUNA DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO



DIFERENTES NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO GERAM DESAFIO DE AUTOACEITAÇÃO



A observação por parte dos adolescentes de que são diferentes entre si, em oposição ao desejo de identificação com o grupo e com padrões midiáticos, também gera sofrimento e reações violentas.

A sensação de que não são tão bonitos, inteligentes, desejados e amados pelos outros e de que estão fora do padrão faz com que sintomas de depressão sejam aparentes entre os adolescentes.

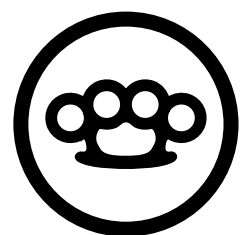
“Meu maior desafio era aceitar a mim mesma como eu era. Já tive bulimia, depressão, automutilação, não sei se dá pra ver... Odiava meu cabelo, me achava gorda... Acordava não querendo estar e não querendo comer. Faz 2 anos, na sexta série. Parei no hospital, fiquei 11 dias sem comer. E agora eu ainda tenho esse negócio de meu deus, tô gorda, meu cabelo, que horror mas acho que a maioria tem isso, que o maior desafio é aceitar a si mesmo e na maioria das vezes os próprios adolescentes não ajudam. Porque digamos que na escola tem um padrão de menina bonita e você quer ser igual a ela, e você não é, e por isso os outros meninos e meninas ficam te chutando pra longe porque você não é igual a ela.”

ALUNA DE 13 ANOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO

“[cobrança]. Às vezes você depende dos pais, da escola ou mesmo dos amigos. As vezes você vê seus amigos num nível diferente e você quer chegar lá e é bem difícil, digamos que eles são inteligente e você não, então você tem que ralar muito e, quando você chegar lá eles já vão estar em outro nível, vai tá atrás deles ... até a hora que você vai se tocar que você não é igual a eles e ser quem você é. E os pais também, é toda hora, é bem complicado.”

ALUNA DE 13 ANOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO





3 EM 1.000 ADOLESCENTES CORREM RISCO DE ASSASSINATO

O IHA (Índice de Homícidios na Adolescência), produzido com base de dados de 2012, estima que mais de 42 mil adolescentes, de 12 a 18 anos, poderão ser vítimas de homicídio nos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes entre os anos de 2013 e 2019. Isso significa que, para cada grupo de mil pessoas com 12 anos completos em 2012, 3,32 correm o risco de serem assassinadas antes de atingirem 19 anos de idade.

A taxa representa um aumento de 17% em relação a 2011, quando o IHA chegou a 2,84. De acordo com os dados, a região Nordeste apresenta maior incidência de violência letal contra adolescentes, um índice igual a 5,97. Em contrapartida, o Sudeste possui o menor valor, com uma perda de 2,25 jovens em cada mil.



DISCRIMINAÇÃO

Quando perguntados se já se sentiram discriminados independentemente do ambiente, 14% dos entrevistados declararam que sim. Quando o dado da discriminação é recortado por cor/raça, fica claro que são os adolescentes pretos que mais sofreram discriminação racial on-line (46%).

Ainda no universo limitado dos 6% que responderam ter sofrido algum tipo de discriminação, encontramos como maior subgrupo (25%) o dos adolescentes que se sentiram discriminados por serem jovens. Outros 14% sentiram-se discriminados por serem pobres, 13% por serem negros e 11% se sentiram discriminados pelas roupas que usam.

Quando perguntados em quem buscariam apoio caso sofressem alguma forma de violência na rede, 77% indicaram os pais; 9%, amigos; 6% denunciariam na própria web; 5%, a polícia; e 1%, educadores.

UNICEF/IBOPE
[2013, 12 a 17 anos, ABC]



21%

APONTAM TEREM SIDO incomodados/se chateado com algo na internet [mentiras sobre eles, preconceito, apelidos].

TIC Kids Online 2013, 9 a 17 anos, classes ABCD.



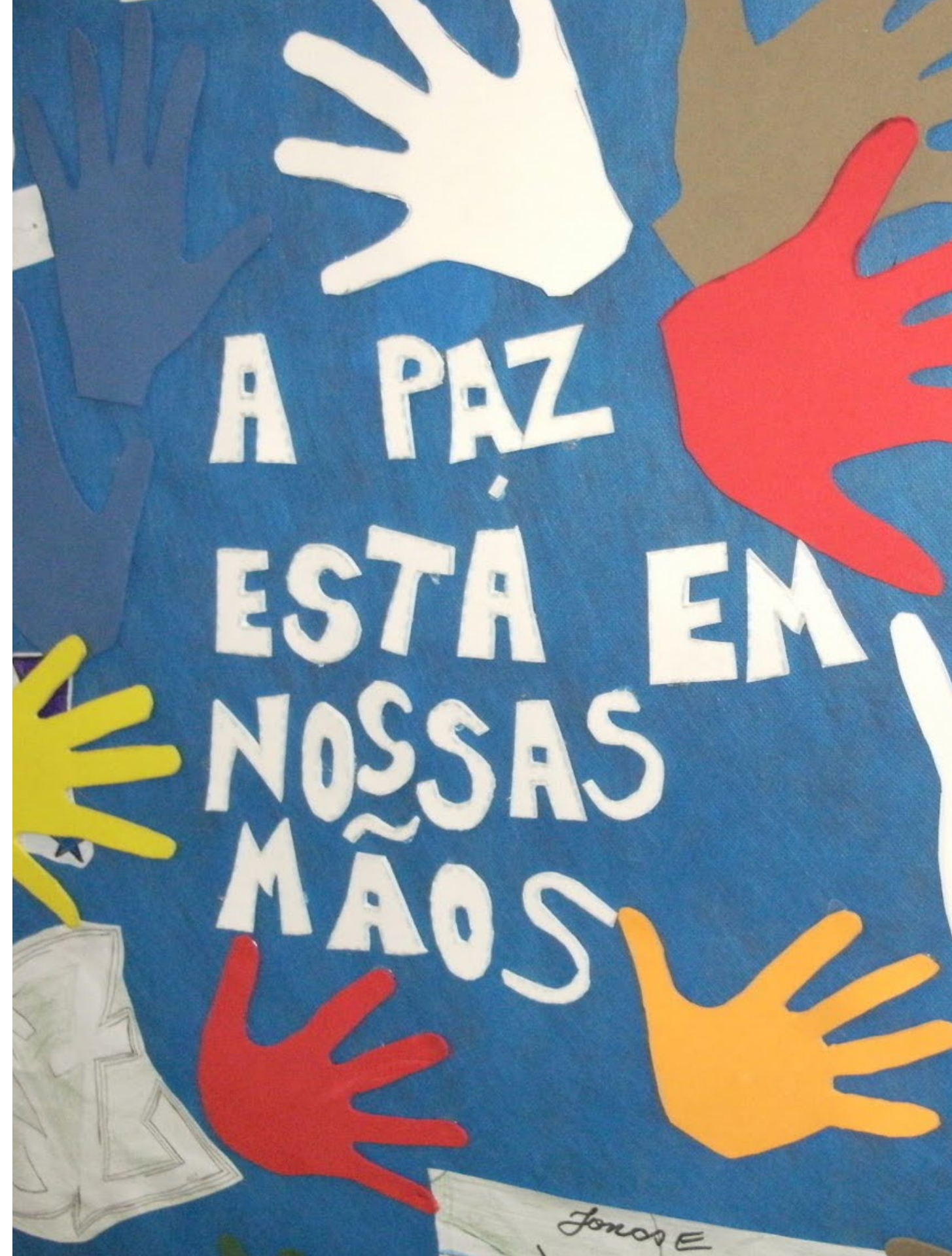
35%

AFIRMAM TER sofrido agressão, humilhação e hostilidade por parte dos colegas.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]

CULTURA DE PAZ

Iniciativas de cultura de paz e formas de interação mais harmônicas ganham força em contraponto ao cenário de violência e relações insustentáveis em diversas áreas da vida contemporânea. Há um movimento de busca por novas formas de convivência do qual a escola pode participar.



O MEDO DE PERGUNTAR

Na escola diversas formas de violência (contra o outro e contra si) fazem com que o desempenho escolar caia e se expresse na figura (apontada pelos próprios adolescentes) dos alunos:



"BURRO E QUIETO"



"FAZEDOR DE BULLYING"



"DEPRESSIVO"



"SOFREDOR DE BULLYING"

Uma importante consequência desta coerção social pelos próprios colegas é o **"medo de perguntar"**. Ninguém entendeu, mas ninguém ousa admitir sua dúvida, ou seja, uma fraqueza. Quem pergunta é, ao mesmo tempo, tempo admirado pela coragem e hostilizado pela ousadia.

“

“Tem uma menina na minha sala, a Natália que é muito inteligente. E ela levanta a mão e não tem vergonha de perguntar. É a única que levanta a mão e não se importa com o que pensam dela [todo mundo sempre ri de quem levanta a mão]. Ela é quieta, fica na dela, só fala nas horas certas. Não precisa estudar, aprende tudo de primeira.”

ALUNA DE 13 ANOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE
ESTADUAL DE SÃO PAULO

“Não precisa saber de tudo, mas se o professor tá falando alguma coisa e você tá tendo uma dúvida, tirar a dúvida, que é o que ninguém faz. O professor tá na aula e pergunta se entenderam e ninguém diz que não, aí ele diz: que bom que vocês entenderam’, aí ninguém entende nada. Se um toma coragem aí todo mundo fica “meus deus”, mas aproveita para tentar entender de novo. Mas também, se essa pessoa tirou uma dúvida e o resto da sala vai ficar rindo dele porque ele tirou uma dúvida que ninguém tinha entendido.”

ALUNA DE 12 ANOS DO 8º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO

TRAZER À REFLEXÃO AS DIFERENTES FORMAS DE VIOLÊNCIA PARA BUSCA POR RELAÇÕES PACÍFICAS

Os próprios casos de violência dentro e fora de escola podem ser transformados em reflexão para os alunos desenvolverem não só o espírito crítico como também um plano conjunto para evitar a violência e estabelecer relações mais pacíficas.

“A escola pode ser uma importante influência na redução da agressividade entre jovens, utilizando ações disciplinares positivas com normas claras e consistentes e, para isso, os professores devem estar preparados. É importante não eleger culpados, explicar as punições que eventualmente tenham de ser administradas e evitar agressividade ao expressar normas e regras.”

Cunha & Weber (2008)

“Tenho um aluno aqui, o Emerson (PIKENOH), que hoje está no Ensino Médio, que é politicamente correto, do bem total. Ele interfere positivamente dentro do ambiente em que ele está. Teve um caso de bullying na sala dele no ano passado, contra uma menina paraguaia. Ele me pediu autorização, parou a aula um dia e fez uma interferência. Fez todo mundo falar o que tinha contra a menina; a menina falar tudo que tinha contra todo mundo; e acabou o problema.”

PEDAGOGA
DA REDE PÚBLICA DE SÃO PAULO, SP



PROMOVENDO A PAZ E A EMPATIA

2012

The Bully Project (EUA)

Um projeto que levou às escolas o documentário “Bully”, que acompanha a trágica vida de adolescentes vítimas de violência e humilhação, gerou o “The Bully Project”, uma iniciativa de alunos, pais e educadores com materiais de reflexão e discussão do problema e toolkits para professores e alunos abordarem a questão do bullying.



“

“Eu fico meio nervoso de ir para a escola. Gosto de aprender, mas tenho dificuldade de fazer amizades.”

Alex Libby, do filme “Bully”



THE MOVEMENT



PROMOVENDO A PAZ E A EMPATIA



<http://aulasenpaz.uniandes.edu.co/>

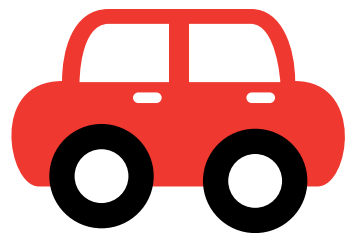
2007

Aulas en Paz (Colômbia)

Programa de redução da agressividade em escolas da Colômbia. Os objetivos do Aulas En Paz são identificar os casos de agressão e desenvolver atitudes de empatia e uma postura crítica em relação às crenças que legitimam a agressividade por meio de oficinas, sessões de jogos em pares e visitas.



PROMOVENDO A PAZ E A EMPATIA



Raízes da Empatia (Canadá)

Para diminuir as agressões e casos de violência em escolas públicas, a canadense Mary Gordon criou um programa em que alunos são levados a desenvolver empatia pela percepção das necessidades e cuidado com o outro através da interação com bebês na sala de aula. Os bebês ajudam os adolescentes a perceber as necessidades de cuidado que o outro demanda. O programa, que está sendo implementado desde 1996 em mais de 450 escolas, conseguiu reduzir drasticamente os casos de violência, inclusive o bullying.

